

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE MEDICINA

CURSO DE PSICOLOGIA



Trabalho de conclusão de curso

Parque dos Ratos:

um conto sobre Drogadição?

Matheus Magalhães Guimarães

Pelotas, 2019

Matheus Magalhães Guimarães

Parque dos Ratos:

um conto sobre drogadição?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Kreutz

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G963p Guimarães, Matheus Magalhães

Parque dos ratos : um conto sobre drogadição? /
Matheus Magalhães Guimarães ; José Ricardo Kreutz,
orientador. — Pelotas, 2019.

42 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal
de Pelotas, 2019.

1. Psicologia. 2. Drogadição. 3. Cartografia. 4.
Necropolítica. 5. Conto. I. Kreutz, José Ricardo, orient. II.
Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

Matheus Magalhães Guimarães

Parque dos Ratos: um conto sobre drogadição?

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 16 de julho de 2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jose Ricardo Kreutz (Orientador)

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Régis de Azevedo Garcia

Doutor em Letras - História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande

Profa. Dra. Giovana Fagundes Luczinski

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Parque dos Ratos: Um conto sobre drogadição?



Resíduo

*De tudo ficou um pouco
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gagos. Da rosa
ficou um pouco.*

*Ficou um pouco de luz
captada no chapéu.
Nos olhos do rufião
de ternura ficou um pouco
(muito pouco).*

*Pouco ficou deste pó
de que teu branco sapato
se cobriu. Ficaram poucas
roupas, poucos véus rotos
pouco, pouco, muito pouco.*

*Mas de tudo fica um pouco.
Da ponte bombardeada,
de duas folhas de grama,
do maço
— vazio — de cigarros, ficou um pouco.*

*Pois de tudo fica um pouco.
Fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha.
De teu áspero silêncio
um pouco ficou, um pouco
nos muros zangados,
nas folhas, mudas, que sobem.*

*Ficou um pouco de tudo
no pires de porcelana,
dragão partido, flor branca,
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
retrato.*

Se de tudo fica um pouco,

*mas por que não ficaria
um pouco de mim? no trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?
na consoante?
no poço?*

*Um pouco fica oscilando
na embocadura dos rios
e os peixes não o evitam,
um pouco: não está nos livros.*

*De tudo fica um pouco.
Não muito: de uma torneira
pinga esta gota absurda,
meio sal e meio álcool,
salta esta perna de rã,
este vidro de relógio
partido em mil esperanças,
este pescoço de cisne,
este segredo infantil...*

*De tudo ficou um pouco:
de mim; de ti; de Abelardo.
Cabelo na minha manga,
de tudo ficou um pouco;
vento nas orelhas minhas,
simplório arrote, gemido
de víscera inconformada,
e minúsculos artefatos:
campânula, alvéolo, cápsula
de revólver... de aspirina.
De tudo ficou um pouco.*

*E de tudo fica um pouco.
Oh abre os vidros de loção
e abafa
o insuportável mau cheiro da memória.*

Mas de tudo, terrível, fica um pouco,

*e sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob os túneis
e sob as labaredas e sob o sarcasmo
e sob a gosma e sob o vômito
e sob o soluço, o cárcere, o esquecido
e sob os espetáculos e sob a morte escarlate
e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
e sob tu mesmo e sob teus pés já duros
e sob os gonzos da família e da classe,
fica sempre um pouco de tudo.
Às vezes um botão. Às vezes um rato.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Resumo

GUIMARÃES, Matheus Magalhães. **Parque dos Ratos**: um conto sobre drogadição? Orientador: Prof. Dr. Jose Ricardo Kreutz. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Este trabalho se propõe na construção de um conto, por meio de uma cartografia sobre a drogadição. Através das tensões entre máquinas desejantes e sociais que foram cartografadas, construiu-se um conto afim de que produzir um saber artístico a partir dos perceptos que transpassam as relações que permeiam a drogadição. O conto nos leva a pensar sobre a atuação do poder, tanto numa biopolítica, quanto numa *necropolítica*, passando pela fome, isolamento e consumo, fazendo-nos questionar sobre: de que se fala quando falamos de drogadição?

Palavras-chave: Parque dos Ratos, Drogadição, Cartografia, Conto, Máquinas Desejantes.

Abstract

GUIMARÃES, Matheus Magalhães. **Rat Park**: A tale about drug addiction? Advisor: Prof. Dr. Jose Ricardo Kreutz. 2019. Final Paper (Graduation in Psychology) – Faculty of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This thesis was written as a tale through a cartography of drugs addiction. Using the tension between desiring machines and social machines (which was cartographed), the tale was constructed in a way that was able to produce artistic knowledge from percepts that run through relationships around the drug addictions. The tale invites us to think about the power actuation either in a biopolitics and in a necropolitics going through hunger, isolation and consumption - making us wondering: what is our point when the topic is drug addiction?

Keywords: Drug Addiction, Cartography, Tale, Desiring-production, Necropolitics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
O LABORATÓRIO	22
UM DIA DE “COGU”	25
A TRANSFORMAÇÃO.....	27
OS RATOS ESGOTADOS.....	32
O PARAÍSO DOS RATOS BRANCOS	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

Construir um trabalho de conclusão de curso, o famoso “TCC”, não é nada fácil! Para isso, cada um tem que arcar com questões e forças que atravessam este momento. Particularmente falando, até agora havia sido bem difícil encarar este processo. Visto que, ele representa o encerramento de um ciclo, no qual começou a se construir um corpo estudante, psicólogo, ativista, militante, filósofo, pensante.

Além disso, vidas são tocadas, afetadas, experimenta-se a potência de participar de algo, de construir e ser construído, e ocupam-se espaços. Territórios são conhecidos e aprendemos a nos conhecer por meio deles e, assim se chega ao fim de uma vida como acadêmico de psicologia. Este sentimento nostálgico faz pensar sobre o que deixamos, sobre como iremos encerrar e sobre o que levaremos. Como encarar isso poderia ser fácil?! Ao fim do curso, o poeta parece ser o único a entender, e além do mais nos provoca: “Ninguém tá escutando o que eu quero dizer! Ninguém tá me dizendo o que eu quero escutar! Ninguém tá explicando o que eu quero entender! Ninguém tá entendendo o que eu quero explicar!”? (PENSADOR, G; 2001). Bom, creio que não seja para a maioria. Então, comecei a questionar-me sobre como poderia fazer para tornar esse momento agradável, sobre como poderia desfrutar desses últimos instantes ao invés de negá-los. Mas o mesmo poeta nos lembra novamente, dizendo que: “A gente tem que dar um jeito de gostar de alguma coisa. A gente tem que dar um jeito... de ficar satisfeito!”. Isto posto, chegamos a tal pergunta: Algo satisfaz?

Nesse sentido, no início do curso, mais precisamente no terceiro semestre, foi preciso optar por algum dos campos ofertados para realizar o estágio básico I (com ênfase social) do curso de psicologia. Sendo assim, dentre as opções fui escolhido pela Redução de Danos (RD). Ela consiste numa estratégia de Saúde Pública que visa amenizar os malefícios biológicos, sociais e econômicos decorrentes do uso de drogas. A RD opera por meio do vínculo entre usuário e redutor de danos, visto que se percebeu que ao tratar o usuário como igual, de forma a respeitar sua condição, sem pretensão de muda-la, sobretudo, através de discursos impositivos e morais, produzia-se o desejo dele em cuidar-se (NIEL; DA SILVEIRA, 2008).

Ao acompanhar o trabalho dos redutores alguns estranhamentos ocorreram: as problemáticas e contradições de cuidado, do uso de drogas e da moralidade

implicada neste contexto, como por exemplo o fato de metade dos redutores fumarem no trajeto até seus campos de atuação. A imersão neste campo afetou o corpo do pesquisador a tal ponto que tentar representar o campo já não bastava, fazia-se (e ainda se faz) necessário acompanhar, experimentar aquela realidade (PASSOS, et al. 2015).

Assim, destaco uma cena muito impactante no período deste estágio: ver a pobreza daquela vila, o lixo e a falta de saneamento básico compondo a cena, alguns cachorros magros e com feridas, chão de terra batida, que se transformava em lama, juntando-se ao lixo e ao esgoto, e as pessoas transitando, vivendo em meio a condições que claramente tornavam a vida imprópria. Como é possível que vivam/sobrevivam em meio a precariedade? Percebia na territorialidade dos usuários de substâncias psicoativas, que a Redução de Danos só conseguia olhar ou falar através do uso. Por mais que houvesse empenho dos redutores, que buscavam reduzir os danos do uso de drogas, ficava evidente que eles não poderiam evitar os danos do descaso, da *regulamentação*¹ que governa os corpos daquela população.

Assim, não cabia um sentimento moral de que tais substâncias eram as únicas responsáveis pela desgraça daquelas vidas. Algo neste discurso não conseguia dar conta de todas as intercorrências que compõem aqueles territórios.

Deste modo, comecei a me interessar sobre o que se produzia no entorno do assunto drogas. Com isso, assisti a filmes, documentários, li artigos e livros. Assim como, fiz alguns trabalhos com essa temática em diversas disciplinas (Pesquisa e Intervenção em Psicologia Social, Psicopatologia, Psicologia e Políticas Públicas, Psicofarmacologia, Processos grupais – na qual foi observado um grupo xamânico que faziam uso de ayahuasca -, etc.) e até nos Grupos de Pesquisa: “Vida que Vêm: Arte, política e processos de subjetivação” e “TELURICA - Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em Coexistências Autorais”.

Nos grupos trabalhamos com alguns autores dos quais destaco: Gilles Deleuze, Félix Guattari e Franz Kafka. Foi a partir deles e suas máquinas que outro

¹ “E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e deixar morrer.” (FOUCAULT; 1975/1976, P. 207)

estranhamento entre humanos-máquina-droga me ocorreu. Sobretudo, a ideia de inconsciente maquínico.

Para os autores franceses, compreender o inconsciente de forma maquínica, por meio das máquinas desejantes, implica concebê-lo como acoplamento, ou então, como um sistema de corte-fluxo: “Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

Talvez, a primeira questão que temos que nos atentar, na descrição deluze-guattariana sobre as máquinas desejantes, é sobre seu funcionamento binário, também chamado de regime associativo, no qual o funcionamento dessas máquinas acontece por meio de acoplamento, sempre uma máquina se acoplando a outra máquina. Nesse funcionamento, o desejo é o responsável por efetuar os acoplamentos tanto dos fluxos contínuos e dos objetos parciais, visto que é ele quem faz correr, fluir e também corta os fluxos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.16).

Em vista disso, o que seria o desejo para Deleuze e Guattari? Pelo o que foi entendido, seria um conjunto de sínteses passivas, as quais funcionam como unidades de produção, responsáveis por maquinar os objetos parciais, fluxos e corpos. Neste sentido, o desejo é máquina, assim como o objeto do desejo, que seria outra máquina conectada, nunca um sujeito isolado em uma ilha a desejar a partir de um eu interiorizado (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43).

A partir disso, buscamos nos afastar da leitura na qual a droga e seu consumo tenham apenas como foco o sujeito e que este necessite ou de punição ou de cuidado de maneira isolada. Pelo contrário, o consumo de drogas diz de toda uma dinâmica social, na qual o sujeito está implicado/agenciado e respondendo às demandas que o atravessam. O autor francês comenta essa amarração social das discursividades do sujeito, isto é, com os agenciamentos que produzem enunciados:

Seria preciso fazer o inverso e é a tarefa da esquizoanálise: partir dos enunciados pessoais de alguém e descobrir sua verdadeira produção, que nunca é um sujeito, mas sempre agenciamento maquínico de desejo, agenciamentos coletivos de enunciação que o atravessam e circulam nele, furando aqui, bloqueados ali, sempre sob forma de multiplicidades, de matilhas, de massas de unidades de ordem diferentes, que o assombram e o povoam. Não há sujeito de enunciação, há apenas agenciamentos produtores de enunciados. (DELEUZE, 2016, p. 86 – 87).

Conforme encontramos uma visão de mundo que nos parece dar conta dos enlaces que compõem a drogadição², resta saber então, o que entenderemos por Droga? A partir da leitura da Organização Mundial da Saúde (OMS), as drogas são “substâncias que afetam a mente e os processos mentais”. Há quem diga que drogas são substâncias que “dão barato”, ou seja, atribuem ao conceito apenas uma classe dessas substâncias, no caso, as psicoativas e psicotrópicas, o que inclui o café, por exemplo, mas que acaba por excluir os remédios convencionais (ARAUJO, 2012).

É comum que algumas pessoas associem drogas à ilegalidade, como coisas proibidas e como algo marginal perante os olhos morais da sociedade. Também, existem aqueles que somam às substâncias ilegais ao álcool e ao tabaco, uma vez que droga seria aquilo que pode causar algum dano à saúde e ao meio. Por enquanto, é pequeno o grupo que costuma atribuir à classe das drogas os medicamentos, ficando muito mais restrito aos profissionais da área da saúde. Como, por exemplo, os farmacêuticos, médicos, psicólogos que atribuem ao conceito de drogas “qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de um organismo” (ARAUJO, 2012, p. 15).

Mesmo que o objeto-droga acompanhe o ser humano há milênios, ainda podemos notar o quão problemático é tentar definir este conceito. A importância das drogas na história da humanidade também nos ajuda a traçar como a sociedade lida com este Tabu, no sentido da dificuldade que tem de falar sobre o consumo de drogas sem cair em normativas, moralidades que, muitas vezes, mais proíbem o pensar sobre essa relação entre o humano e uma substância psicoativa, do que abrem espaços de diálogos.

Ao tratarmos da temática das drogas somos tomados/atravessados por identidades, as quais nossa sociedade institui a um grupo e o criminaliza a partir da proibição. Durante o último século, esta perspectiva adotou uma política de guerra às drogas. Assim, segundo Carneiro (2002), as pessoas que fazem uso de drogas são vistas como inimigas do Estado, que deveriam ser combatidas, uma vez que não se faz guerra contra drogas, mas sim, contra pessoas. O professor brasileiro nos aponta uma outra perspectiva, que não essa da proibição, ressaltando a importância

²Segundo o dicionário Aurélio a origem etimológica da palavra **drogadição** seria: Droga + adição, do inglês addiction "consumo excessivo".

dessas substâncias para as sociedades ao longo dos séculos e mesmo para o saber psicológico e seu desenvolvimento enquanto ciência. Segundo ele:

As drogas fazem parte da cultura. A cultura da droga é estética, religiosa, científica e política. A cultura da droga faz parte do processo fundador da psicologia como ciência no século XIX. O conhecimento do funcionamento do espírito, a classificação das instâncias do pensamento, a “história natural da mente”, como podem ser definidos os objetivos da psicologia, tiveram nas drogas alguns dos seus principais veículos. Assim como o telescópio para a astronomia, o microscópio para a biologia, as drogas representaram o principal instrumento tecnocientífico para o conhecimento da mente humana (CARNEIRO, 2002, p. 14-15).

É a partir dessas perspectivas que podemos perceber uma potencialidade que encontramos quando pensamos a droga como um analisador social. Deste modo, no momento de escolha de campo de estágio clínico, fui impelido ao CAPSADIII³. Já que, neste campo problemático existe uma possibilidade de se tensionar a relação entre objeto droga (no âmbito do uso – relação objeto) e ser tido como usuário nessa sociedade (SOUZA, 2018), a partir dos enunciados trazidos pelos usuários. Porque não tentar compreender como aquele tipo de público se produz e problematizar quais são as condições de possibilidade infringidas àqueles corpos? Já que a preocupação segrega esse grupo – os usuários de drogas – não seria mais prudente pensar em estratégias que proovessem cuidado e informação, ao invés de continuarmos investindo em uma lógica de ignorância e medo?

Foi atuando como estagiário no CAPSADIII, ocupando um lugar de psicólogo dentro da saúde mental, que me ocorreu outro estranhamento, uma sensação paradoxal me invadia, pois na mesma medida que o serviço propunha uma política de redução de danos, na qual aceita-se a condição de que algumas pessoas não querem parar com seu uso e a partir disso pensasse em estratégias para reduzir os danos desse uso (PORTARIA Nº 1.028, DE 1º DE JULHO DE 2005⁴), os corpos da maioria daquelas pessoas enunciavam uma moral de abstinência, ou seja, um pensamento que demonizava as drogas, e via na substância uma aproximação com o mal, perdição e todos malefícios de suas vidas. Porém, isso não significa que a diretriz da RD seja contrária a abstinência, já que uma de suas prioridades é trabalhar afim de desenvolver a autonomia do usuário.

³ O termo foi colocado sem espaço para provocar a falta de espaço para os desejos, que atravessam o corpo do usuário em meio as burocracias das instituições do serviço.

⁴ Encontrado em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt1028_01_07_2005.html

Uma primeira pista sobre esse comportamento de rejeitar qualquer tratamento que não vise a abstinência foi trabalhado por Claude Olievenstein, e retomado por Marcelo Niel e Dartiu Xavier da Silveira (2008):

Em uma primeira dimensão, a atenção volta-se para a droga, dizendo respeito, sobretudo, à repressão. Engloba medidas que visam a diminuição e regulamentação da oferta do produto, bem como a discussão sobre legalização e descriminalização das substâncias psicoativas. Apesar de serem assuntos que dizem respeito a instâncias como poder legislativo ou judiciário, na verdade, essas questões se fazem presentes no cotidiano, nos princípios que cada um segue, nas regras da família, da escola, enfim, na comunidade como um todo. Cabe a cada instância ser coerente ao implantar suas regras (NIEL; DA SILVEIRA, 2008, p. 8).

Penso no quão problemática é essa relação, visto que a razão, a moral, a lei, os métodos punitivos, desejam um comportamento quase sempre de abstinência, mas o corpo, mesmo com esse arsenal de demandas da maquinaria social, volta e meia, deseja um outro, o desejo de mais uma dose. De toda forma, a maquinaria social e a máquina desejante estão sempre enlaçadas e em tensão: ora a maquinaria social proíbe o uso e o reprime, ora o demanda e o estimula, tal qual a máquina desejante, que pode tanto desejar mais uma dose, em um agenciamento com a loucura dionisíaca, como, por vezes, faz resistência, justamente, ao negar o uso problematizando as demandas da maquinaria social de adaptação as suas velocidades. Linhas de fugas tanto no uso como no não uso de substâncias, linhas duras, repressivas e de estimulação tanto na abstinência como no uso exacerbado. Então, como as perspectivas de cuidado, tanto a abstinência, quanto a redução de danos, podem atuar nesse contexto? Estamos pensando o desejo ou o regulando? Trabalhamos o desejo nos processos de subjetivação e de criação de um outro sujeito ou culpamos esse sujeito e a maquinaria desejante?

Essas tensões entre teoria e prática resultaram numa problemática cartográfica, que foi se produzindo ao longo da minha formação acadêmica, de tal modo que, na produção deste trabalho indago sobre como meu corpo se constrói com ele. Sobre como a pesquisa toma meu corpo, por meio das reações que ele expressa, para fazer falar sobre as diversas tensões que percorremos. A par disso, como seria possível trabalhar com outro método? (ESCÓSSIA; TEDESCO; 2015)

O limiar entre fazer a pesquisa e tornar-se pesquisador me parece tênue. Como poderia explicar o percurso que fora construído até aqui sem que me

percebesse nele? Como poderia escrever contendo a subjetividade que atravessa essa construção? Uma possível resposta para isso encontramos na cartografia⁵.

Devo dizer que há uma diferença sobre o que se pensa da cartografia e sobre como se vive a cartografia. Por vezes, não entendia muito bem o percurso que fazia, nem como isso poderia ser o método deste trabalho. Tanto que, foi por meio da construção de um mapa conceitual, que comecei a perceber a cartografia operando na pesquisa e conseqüentemente no meu corpo. Já não fazia sentido operar em busca de metas prefixadas (*meta-hódos*), isto não saciava, ainda me sentia preso. Era necessário reverter o sentido tradicional, outro sentido pedia passagem na pesquisa, que dava pistas: o *hódos-meta*. Que segundo Passos e Barros opera da seguinte forma: “A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados.” (PASSOS; BARROS; 2015, P. 17).

Enquanto que Escóssia e Tedesco nos explicam como o método cartográfico não pode ser realizado sem o corpo, pois é por meio dele que pesquisa e intervenção tornam-se indissociáveis. Assim dito:

“Acreditamos que a cartografia, pela indissociabilidade que opera entre pesquisa e intervenção, indica essa possibilidade de construção de domínios coletivos e metaestáveis, para além da mera observação ou descrição de realidades coletivas. Tal competência dirige-se à construção de um plano no qual as relações escapem à organização, normalmente estabelecida pelo pensamento da representação, no plano das formas. As classificações, hierarquizações, dicotomias, formas e figuras, tão familiares a nossa realidade cotidiana, precisam desaparecer, mesmo que por instantes, para que os corpos se exponham em seu estado de variação o mais intensivo, isto é, como qualidades puras ainda não reduzidas às categorias da representação” (ESCÓSSIA; TEDESCO; 2015, P. 100).

Como criar uma caixa de ressonância ou um dispositivo metodológico concreto que dê conta da minha cartografia? Como proceder? A ideia de dar corpo a esta cartografia se estrutura por um processo de criação em vários movimentos que parte de uma ficção contemporânea do que seria o experimento do Parque dos Ratos. Para dar consistência a esta tarefa é necessário: (a) Híbrido o Parque dos

⁵ “Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.” (ROLNIK, S. 2014, p. 23)

Ratos com “A Revolução dos Bichos” de George Orwell; (b) Híbrido o “Parque dos Ratos” de Bruce Alexander com o conto de Kafka “A metamorfose” e (c) por fim situar no conto os usos institucionalizados e as suas subversões famintas residuais (alusão à Fome).

Antes de dar seguimento, penso ser importante repousar uma descrição mais detalhada do que seria o experimento do Parque dos Ratos. O *Parque dos Ratos* foi um experimento realizado pelo professor e psicólogo Bruce Alexander, que buscou testar o que é conhecido como “a teoria farmacêutica da dependência”. Neste experimento ocorre o seguinte: os ratos são colocados de forma isolada, cada um em sua gaiola. Em cada uma das gaiolas são colocados comida e dois bebedouros, sendo que em um deles tem apenas água, enquanto que no outro é colocada água e heroína. Ao fim do dia, os pesquisadores medem as garrafas de água e veem qual delas foi mais consumida. O que se observou é que os ratos preferiam a garrafa “batizada”, a preferiam até mais que a própria comida. Além disso, nove em cada dez roedores consumia a garrafa com drogas até a overdose. Com isso, Alexander reparou que os ratos ficavam isolados, não tinham outra coisa a fazer a não ser consumir a droga. Foi aí que ele questionou a gaiola. Este aspecto pode ser um momento de viragem metodológica. Só a título de provocação, podemos nos questionar como somos capturados pelos desejos no mundo contemporâneo. Mas voltando ao experimento, Alexander se perguntou: e se, ao invés dos ratos ficarem isolados eles ficassem em grupos, numa gaiola maior, com brinquedos, comida, onde poderiam fazer sexo, ter filhotes e, ainda sim, seriam colocados os dois bebedouros, um com água e o outro com a heroína. Seria um “Paraíso” dos ratos. Assim, a partir da observação foi constatado que os ratos quase não bebiam da garrafa com heroína e mais nenhum deles se matou por conta do excessivo uso de substância. Sendo assim, Alexander concluiu que o vício seria uma adaptação a um ambiente aversivo, ou seja, o problema não é a substância, mas sim a gaiola em que está (HARI, 2018). Nesse sentido, numa cartografia, parece oportuno subverter este experimento num híbrido ficcional problematizador da “gaiola” (poderia ser o nosso modo de subjetivação dominante!?) como sugerido em (a), (b) e (c), para construir um sentido extramoral tanto do experimento quanto no seu efeito ficcional cartográfico.

Dito isso, podemos nos perguntar, por que uma cartografia da drogadição usa de um recurso da arte para ter corpo? Bakunin irá nos dar uma pista:

“A ciência não pode sair da esfera das abstrações. Em relação a isso, ela é muito inferior à arte, que, ela também, está ligada a tipos e situações gerais, mas que os encarna por um artifício que lhe é próprio. Sem dúvida, essas formas de arte não são a vida, mas não deixam de provocar em nossa imaginação a lembrança e o sentimento da vida; a arte individualiza, sob certa forma, os tipos e as situações que concebe; por meio de individualidades sem carne e osso, e, conseqüentemente, permanentes e imortais, que têm o poder de criar, ela nos faz lembrar das individualidades vivas, reais, que aparecem e desaparecem sob nossos olhos. A arte é, pois, sob uma certa forma, o retorno da abstração à vida, fugitiva, passageira, mas real sob o altar das eternas abstrações.” (BAKUNIN, 2014, P. 94).

No entanto, Bakunin parece fazer um juízo de valor subjugando a ciência à arte - que admito apreciar pois causa um choque, soa como um soco no estômago dos seguidores/pregadores dessa ciência romantizada, que é colocada no lugar transcendente, como aquela que detém a verdade sobre vida, acima das outras produções de conhecimentos e que insiste em separar categoricamente toda e qualquer partícula de subjetividade em uma constante redução do ser - quando alega que a primeira não consegue transcender a esfera das abstrações, enquanto que a segunda tem como potencial a capacidade de retomar a abstração na vida, no real.

Ainda se tratando das produções de conhecimento, mas em outra perspectiva, Deleuze e Guattari tratam do pensamento, o qual entendem como enfrentamento do caos, que se dá propriamente nas suas três grandes formas do pensamento: a arte, a ciência e a filosofia. (DELEUZE; GUATTARI; 2010.) Contudo, ao situá-las de tal modo, os autores as colocam num mesmo plano de coexistência, sem uma hierarquia entre elas. Para eles:

As três vias são específicas, tão diretas umas como as outras, e se distinguem pela natureza do plano e daquilo que o ocupa. Pensar é pensar por conceitos, ou então por funções, ou ainda por sensações, e um desses pensamentos não é melhor que um outro, ou mais plenamente, mais completamente, mais sinteticamente "pensado". (DELEUZE; GUATTARI; 2010, P. 253-254).

Deste modo, parece justificado o uso da arte como uma possibilidade de produção de pensamento. Sobretudo, porque ela: “quer criar um finito que restitua o infinito: traça um plano de composição que carrega por sua vez monumentos ou sensações compostas, sob a ação de figuras estéticas”. (DELEUZE; GUATTARI; 2010, P. 253)

À vista disso, um conto é uma tentativa de produção de conhecimento que se dá por meio das sensações, pelas quais somos convidados a experimentar vivências dentro do universo em que foram produzidas. Desta forma, convido o leitor a esse experimento.

SINOPSE

No extremo sul do Rio Grande do Sul, em meados de 2015, um estudante de psicologia chamado Alberto ingressava como bolsista, para trabalhar na reprodução de um experimento no mínimo curioso chamado *Parque dos Ratos*. A revisão da teoria de Alexander impulsionaria um grupo de extensão que problematizava a guerra às drogas.

Deste modo, também se investigava o que havia de produções científicas que pudessem sustentar essa guerra. Contudo, em uma das aventuras psicodélicas de Alberto algo inesperado acontece. O garoto encontra o laboratório, pelo qual é responsável, cheio de irregularidades.

Durante a tentativa de arrumar o laboratório, ele passa ao mundo do delírio, no qual entra em contato com personagens peculiares que o ajudarão a entender como as drogas afetam/compõem de diferentes formas as diferentes realidades que encontra.

O LABORATÓRIO

São sete da manhã, o som estridente do despertador rompe com o silêncio. Alberto acorda assustado, com o coração em disparada. “Ninguém deveria acordar assim!”. Resmunga consigo, enquanto ainda sentia um misto de raiva e sonolência.

Ao descobrir-se, seu corpo repudia o frio do ambiente. Ele se cobre novamente. “Porque não posso ficar dormindo?! Infeeeeerno! Vamos, Alberto! Levante-se” Ordenando seu corpo a mover-se. Calça os chinelos e vai até o banheiro.

É preciso tomar um banho para ajudar a se despertar. Dessa maneira, enquanto deixa a água esquentar, começa a tirar a roupa, quando seu corpo é tomado pelo arrepio. Logo aliviado pela sensação de calor ao entrar em contato com a água quente. Novamente, o corpo de Alberto pede por mais algum tempo naquele lugar confortável, mas ele sabe que precisa sair do banho. Ao desligar o chuveiro volta a sentir frio, passa a secar-se rapidamente e se veste. Pronto, o frio cessou.

Prepara seu o café que lhe ajuda a ficar acordado por mais um longo do dia. Sente o amargo do primeiro gole e quase queima a língua, que lhe desperta de vez. Agora está pronto para sair. Pega a bicicleta e parte pensando no que lhe espera “Hoje é dia de conhecer o experimento”.

Durante sua pedalada, sentia o sangue invadir as veias de suas pernas. Sentia a necessidade de pedalar mais rápido. Assim, ele se deslocava entre os carros, corredor adentro, sentindo o vento gélido resfriando seu rosto, fazendo-o se sentir mais vivo. Ia deixando os veículos engarrafados para atrás, na medida que a energia tomava seu corpo. Estava adiantado. Ainda faltavam dez minutos para o horário combinado com o professor.

Enquanto espera, Alberto fica um pouco ansioso. “Aonde estaria o professor?”. Logo, começou a observar o local. Era a primeira vez que conhecia aquele Campus da faculdade, tudo era novo para ele. Um cachorro aparece e Alberto não resiste em lhe dar um carinho. Enquanto estava entretido chega seu professor.

- Bom dia Alberto!

- Bom dia professor. Responde Alberto surpreso.

- E aí?! Tá pronto?

- Estou!

- Bem, aqui é o Departamento de Biologia! Para irmos até o laboratório é necessário passarmos no biotério⁶. Lá temos que anotar o horário de retirada e devolução da chave, preenchendo o nome do experimento e de quem a pegou nessa ficha. É importante termos anotados esses dados para sabermos quem entrou no laboratório e em quais horários, pois caso algo aconteça podemos conversar com essa pessoa. Agora que pegamos a chave, vamos ao laboratório.

Alberto permanecia atento e anotava o que o professor lhe dizia.

- Muito bem, esta é a sala de suja, onde pegamos os materiais para evitar contaminação, que são essas redinhas nos pés, as luvas e o jaleco. Está vendo essas duas portas?! Entramos pela da direita, e depois vamos sair por essa da esquerda. Através dessas portas existem dois corredores de isolamento, um da entrada e um da saída, que mantém os ratos protegidos de contaminação.

- Correto, entrada pela direita e saída pela esquerda. Respondeu Alberto.

Assim que entrou na sala 1, Alberto sentiu um cheiro muito forte que o repeliu, estava fedendo. Que cheiro fedido da porra é esse? Perguntou ao professor, que lhe respondeu:

- É aqui que ficam os ratos respondeu risonho e seguiu: - Os Wistarsão são de uma linhagem albina da espécie *Rattus norvegicus*, popularmente conhecidos como ratazanas.

- Esse cheiro é o amoníaco liberado pelo contato da urina dos ratos com as bactérias, e são muitos ratos. Por isso, essas gaiolas precisam ser limpas todos os dias. Mas, não te preocupa. O nariz se acostuma com o tempo, experiência própria” disse o professor.

- Os ratos dessa sala ficam isolados, eles são do grupo controle. Aqui você irá abastecer as gaiolas com comida e depois medir a quantidade de líquido dos dois bebedouros. Depois que medir, você os esvazia e repõe o da água e o da água com heroína. Lembre-se que o com risco azul é a água “batizada” disse o professor.

⁶O Biotério atende com a manutenção de animais de laboratório, destinados ao ensino e/ou à pesquisa, cujas espécies sejam compatíveis às condições de alojamento em gaiolas comuns ou eletrônicas.

- “Pode Pá”! Disse Alberto, enquanto olhava próximo das gaiolas tentando ver os ratos, aproximando seu dedo delas, fazendo com que os roedores também se aproximassem. Observando a cena o professor exclamou:

- Eles são muito curiosos! E assim continuou com as instruções:

- Bom! Esta aqui é a sala 2, nela encontramos o grupo de teste, conhecido como *Parque dos Ratos*. Aqui você fará a mesma coisa da sala 1. Depois, é importante que anote os dados que coletou, então sempre traga um caderninho como esse que trouxe para marcar. Disse o professor.

Alberto acenou confirmando com a cabeça.

Assim sendo, o professor lhe disse: “Vamos! Agora irei lhe mostrar onde pegamos a heroína.”

UM DIA DE “COGU”

Após seguidos dias de chuva, os alunos estavam contentes por finalmente desfrutarem do sol novamente, alguns mais animados que outros pois, sabiam que seria um dia propício para que os cogumelos mágicos crescessem.

Alberto estava interessado nos “cogus” e quis ir junto, já que queria aprender como coletar aquele fungo alucinógeno. Assim, no horário de almoço encontrou-se com seus colegas do curso de agronomia. Eles se dirigiram para a periferia do campus, até onde a cerca delimitava o fim da faculdade.

Pularam a cerca, o reino *fungi* ficava há alguns metros dali. Foi quando um dos amigos de Alberto lhe chamou a atenção para a fábrica dos cogumelos, quando ele avistou um rebanho de vacas.

- A partir daqui é bom tomar cuidado. Isso aqui é um campo minado. Alertou Ana.

Alberto não demorou muito tempo para entender por que sua colega chamou aquele lugar de tal modo, num descuido ele quase enfiou o pé na merda.

- Por que estamos andando no meio da merda? Perguntou Alberto.

- É na bosta das vacas que eles nascem. Disse Ana.

- Como faço para identificar? Ouvi dizer que alguns “cogus” são venenosos.

- Bom, os *psilocybes* geralmente tem o centro do chapéu mais dourado e quando o sol bate ele brilha. Outra coisa importante de olhar é a estipe, esse cabinho, que geralmente é de médio a grosso. Note que após coletarmos o cogumelo, o local em que ele quebra fica azul em poucos segundos.

Conforme aprendeu a identificar os cogumelos, Alberto ajudou os amigos na colheita. Mas, eles não puderam demorar muito, pois o rebanho começava a se aproximar, então tiveram que correr até a cerca novamente.

Agora, a oportunidade estava na frente dele, mas Alberto precisava cuidar do experimento durante toda a tarde. Contudo, o desejo de experimentar aquela droga falou mais alto. Assim, ele tomou algumas gramas junto com os amigos, agradeceu aos colegas e foi para o seu estágio.

O estudante já tinha tido experiência com outras drogas, com isso acreditava que poderia controlar qualquer situação de alucinação e que aquela poderia ser uma

experiência divertida, até porque cumpriria com a rotina de sempre como limpar as gaiolas dos ratos, verificar a alimentação, efetivar experimentos científicos e tudo mais que envolvia seu trabalho no laboratório.

Entretanto, ele não contava com o que tinha ocorrido, algumas gaiolas da sala 1, onde fica o grupo dos ratos em isolamento, estavam abertas e os ratos não estavam dentro delas.

Nesse momento, Alberto começa a experimentar um princípio de *badtrip*⁷. O que poderia ter acontecido ali? Onde estariam os ratos? Como conseguiram escapar? E se não achasse os roedores? O que iria dizer para seu professor? O que era para ser uma tarde tranquila, com várias experiências psicodélicas, acabou atravessada por problemas que ele não teve como prever. Assim, as boas sensações que ele esperava experimentar com o cogumelo teriam que esperar.

Alberto teria que manejar sua *badtrip* sozinho, afim de manter-se calmo para poder dar conta não apenas da sua viagem, mas também do que estava acontecendo no laboratório. Para isso, Alberto utilizou-se de algumas técnicas de respiração, o que fez com que se acalmasse. Contudo, ao fechar seus olhos a viagem se intensificou, o que fez com que ele começasse a perceber algumas sensações estranhas, coisas que nunca antes havia sentido. O que poderia estar acontecendo com Alberto?

⁷*Badtrip* é um termo utilizado no universo das drogas, para referir-se a sensações desagradáveis decorrente do uso de substâncias psicoativas. Sobretudo, isto ocorre quando essas sensações tomam a atenção da pessoa, que na tentativa de fazer com que os efeitos adversos passem, busca incessantemente controlar o que está percebendo. Como estas sensações não podem ser controladas, a pessoa é invadida pela angustia, desespero, pânico, entre outras, decorrentes da frustração por não conseguir voltar ao estado de sobriedade.

A TRANSFORMAÇÃO

De olhos fechados, Alberto começava a notar algo de diferente no laboratório. Será que aquilo era coisa da sua imaginação? Será que algo estava acontecendo? Como ele poderia distinguir entre o que poderia ou não ser algo real? Aquilo era real para ele. Estava acontecendo.

Ele passou a escutar ruídos, os quais não sabia muito bem identificar o que seriam. Aqueles sons eram diferentes dos guinchos dos roedores. Os ruídos, começavam a parecer vozes, ele jurava que poderia ter ouvido algumas palavras. Os odores pareciam mais vivos, sentia como se o ar avançasse feito uma cavalaria adentro suas narinas, não era mais um só odor, mas uma explosão deles, todos misturados e sem que ele pudesse distinguir. “Será que o cogumelo aguça os sentidos?” Questionou-se Alberto, ainda confuso.

Enquanto a visão parecia deixar de ser confiável, ele passou a perceber a vida de uma outra forma. A respiração ainda era o que mais lhe chamava atenção. Como seu olfato poderia sentir tanto assim? Era como se nunca tivesse usado aquele sentido antes. Ou se já tinha o usado, não tinha experimentado tamanha potência.

A respiração fazia seu corpo vibrar. O coração parecia sair pela boca, em debandada, tal como entrara, com todos aqueles novos odores. Nunca havia sentido assim antes. Nunca tinha sido tão maravilhoso. Sentia-se novo. Poderia jurar que acabara de ser parido por sua mãe.

Estava a conhecer o mundo com tamanha atenção que nunca tivera antes, nos seus 20 anos de estudante. Aquele era um novo momento. Um novo movimento. Começa a perceber que, como ele se movia poderia interferir na sua volta. E assim, começou a atentar-se sobre como deveria comportar-se em cada lugar.

Com os sons também era diferente. Ele conseguia ouvir o som da vida, assim, tinha que estar atento para perceber quando algo se despojasse repentinamente. Algo que realmente valeria ter sua atenção, visto que alguns destes sons alertavam sobre o perigo.

Tudo parecia mais vivo. Era como se sua atenção conseguisse se concentrar somente no presente. Na vazão que aquela existência possibilita. Nem passado e nem futuro, ele estava onde deveria estar, apenas o presente importava.

Assim, em cada movimento, que surgia como dança nas sincronicidades que se dão até que algo possa fluir, e simplesmente flui... Então, Alberto começou a correr. Logo, correr com duas patas gerou um incômodo. Desse modo, colocou as patas dianteiras no chão. Agora sim! Ele poderia correr de tal modo que sentia, conforme as batidas de seu coração acompanhavam.

Ele não sabia o que ficava para trás, ele não sabia o que viria pela frente. Mas, naquele momento ele sabia! Conseguia respirar e se sentia vivo. Vivo de uma forma que nunca havia sentido antes.

Conforme abriu seus olhos, a visão de Alberto estava embaciada, ele não conseguia ter dimensão do laboratório. Novamente sentiu o coração disparar. Ele estava com medo.

Assim, passou a caminhar pelos cantos, e sem que pudesse entender, de maneira abrupta adveio uma vontade de cagar. De forma que ele não conseguiu segurar e cagou-se.

Logo, o centro de toda sua potência; Potência essa que faz seu corpo vibrar; começava a mover-se e causar um certo desconforto. Alberto sentiu dores em sua barriga. Estava com fome.

Assim, guiando-se pelo olfato, que ainda lhe parecia tão confuso, mas ainda menos confuso que a visão, foi em busca de algo que saciasse aquele desconforto estomacal.

VISITANDO OS SOLITÁRIOS

Alberto estava perdido, em meio ao laboratório que tantas vezes frequentou e que agora parecia imenso, as coisas cotidianas pareciam confusas em sua mente. Não bastasse estar com medo, assustado e desorientado, o estudante foi tomado por um cheiro que lhe invadiu as narinas e fez seu estômago falar. Era comida!

Assim, se locomoveu pelo laboratório, esgueirando-se pelos cantos até chegar nas prateleiras em que ficavam as gaiolas onde estavam os ratos isolados. Chegando lá, escalou facilmente pelas grades, mas, num descuido acabou caindo dentro de uma das pequenas gaiolas, na qual teve a queda amortecida pela serragem.

Mas antes que pudesse perceber outras coisas, notou que não estava sozinho, havia um rato ali. No entanto, não era um roedor comum, visto que tinha o tamanho de Alberto, o que lhe causou espanto. Então, assombrado com aquela presença inusitada, ficou ainda mais surpreso ao ouvir:

- Quem é você? O que faz aqui?

O rato estava lhe fazendo perguntas. Ora, ratos que falam? Ele podia entendê-los? Que loucura é essa? Aquela estava sendo de longe a maior viagem psicodélica que Alberto já tinha vivido. Sem tempo para alimentar mais devaneios o estudante responde balbuciando:

- É... Me chamo Alberto. Desculpe-me por entrar assim no teu espaço. Foi um acidente. Acontece que estou um tanto perdido e com fome. Então, segui meu faro e ele me trouxe até aqui.

O Rato Solitário parecia desconfiado. Em vista disso, continuou seu pequeno interrogatório:

- Dê onde você veio? Como conseguiu me achar?

Neste instante Alberto permanecia incrédulo. Além de entender o que aquele rato lhe dizia, ele também conseguia entender o animal. Foi aí que a curiosidade tomou seu corpo em meio ao espanto. Como seria a vida de um Rato de laboratório que fora isolado? Contudo, percebeu que o Rato Isolado permanecia resabiado com sua presença e logo respondeu:

-Também faço parte desse laboratório, venho aqui regularmente. Como te disse, estava procurando por alimento. Me sinto confuso, as coisas não costumavam ser assim. Não sei como posso te explicar.

A fala de Alberto pareceu convencer o Rato Isolado, que salientou:

- É que ninguém vem aqui. Os dias passam e sigo sozinho. Por isso, me espanta que alguém tenha aparecido do nada. Devo estar delirando. Como posso saber se você é real? Isso poderia muito bem ser um truque da minha mente para que não me sinta mais tão só. A solidão é quase insuportável!

Como Alberto poderia responder aquilo?! Afinal, nem ele poderia acreditar no que seus sentidos estavam lhe transmitindo. Ele estava conversando com um rato que tinha o seu tamanho, e estavam dentro de uma gaiola. E o pior, agora começa a ser tomado por um mal-estar advindo do lamento do Rato Solitário, que trazia à tona a necessidade de entender aquilo que se vivia, mas não apenas isso, também estava naquele mesmo lugar do rato fazia com que Alberto presencia-se o isolamento do qual se falava. Neste instante, as paredes da gaiola pareciam maiores, ele passou a sentir-se sufocado, percebeu que aqueles muros que cercavam o rato, agora também eram seus muros, ficou aterrorizado com a sensação de ficar preso sozinho naquele lugar. Então, quase num desabafo ante a toda a tensão Alberto retruca ao Rato Solitário:

- Te faço a mesma pergunta! Estou sendo interrogado por um rato falante. Você é real? Como saberei?

Assim, o silêncio tomou o lugar da tensão que tinha ocupado a gaiola. Em meio ao hiato, os dois passaram a questionar suas vidas. Lembranças do que vivenciaram estavam à tona. Ambos sentiam que dormiram grande parte da vida, que apenas esperavam o próximo dia, um dia melhor.

Enquanto Alberto olhava os muros, veio à tona que talvez ficaria preso naquela gaiola com o Rato Solitário. Isso fez com que se desesperasse, pensando que o resto de sua vida seria ficar ali. Ficou inquieto, andou de um canto a outro da gaiola, ficava sobre duas patas, afim de procurar uma saída, não encontrava nada. Voltou a sentir dores estomacais, fortes contrações que culminaram em outra cagada.

Nesse momento de desespero bebeu a água do bebedouro com heroína, que em poucos instantes fez efeito. Alberto estava confortavelmente anestesiado⁸. Ao acordar do transe, tentou convencer o Rato Solitário de que precisavam fugir, ele não suportava mais estar ali. Ao ver-se consciente da morte tinha certeza de que queria viver.

Os dois passaram a tentar escalar as paredes da gaiola. Iam até um canto, corriam o quanto podiam, chegavam a patinar com as patinhas na parede enquanto ficavam na vertical e caíam. Alberto sabia que não poderia desistir, não haveria de ser superado pela vida. Mas, naquele momento, viu seu parceiro sucumbir diante das tentativas frustradas. Num ímpeto de tentar aliviar-se em meio às dificuldades, bebeu, bebeu e bebeu da garrafa com heroína. Seu corpo passou a sentir-se energizado em demasia, estava superaquecido, o coração em taquicardia era sentido na boca, essa emitia um fluxo de baba. Sentiu um aperto muito forte no peito, como se estivessem esmagando seu coração. Do mesmo modo, a cabeça era tomada pela dor, numa sensação de que poderia explodir a qualquer instante. Já não conseguia respirar direito, em meio a isso começou a convulsionar. Num último delírio imaginou-se livre, junto aos outros companheiros da ninhada, uma breve lembrança de quando vivera a vida, e suspirou com a última palpitação. Alberto pode ver através das pupilas do Rato Solitário, que dilatavam, a vida se esvaindo, deixando aquele corpo num último movimento de adeus.

Aquela cena despertou Alberto.

Como era possível um ser consciente isolar um outro ser, que se encontra em uma condição mais fragilizada, afastá-lo de seus iguais, simplesmente para responder a um problema? E para isso, oferecer a ele somente uma espécie de esmola, apenas algo que anestesie seu sofrimento, que lhe forneça uma fuga da existência, já que a ele foi restrita a possibilidade de viver. Pobre cobaia de Deus⁹.

Alberto não poderia permanecer naquele local, sabia que acabaria tal qual o Rato Solitário, viu sua morte nele. Consequentemente, tomado por uma necessidade de viver, foi até o canto da gaiola, correu o mais rápido que suas pernas conseguiam, usou aquele corpo de trampolim e num pequeno milagre, conseguiu sair da gaiola.

⁸ Referência a música "Comfortably Numb" da banda Pink Floyd.

⁹ Referência a música "Cobaias de Deus" do cantor/compositor Cazuza.

OS RATOS ESGOTADOS

Após conseguir sair da gaiola, um alívio invadiu o corpo de Alberto que ainda tentava assimilar o que ocorreu com aquele Rato Isolado. No entanto, notou que, após sair da gaiola, a intensidade da viagem psicodélica estava mais baixa. Começou a caminhar como um bípede. Ergueu seus braços para ver as patas, mas alegrou-se ao ver que eram mãos. Ele era humano de novo. Finalmente poderia arrumar as coisas, assim não perdeu tempo e iniciou o trabalho com as gaiolas que estavam bagunçadas.

Todavia, enquanto se dirigia para buscar uma vassoura que o ajudaria limpar a serragem que estava pelo chão, um vulto chamou sua atenção. Ele pensava ter visto um rato preto correndo. “Que coisa estranha! ”. Afinal, não poderiam ter ratos de esgoto perambulando o laboratório. Aquilo era inaceitável. Poderia cancelar todo o experimento.

Num ímpeto de descobrir o que tinha visto, Alberto encontrou um buraco na parede, que coincidentemente era do seu tamanho. Então, não hesitou em entrar e seguiu caminhando afim de descobrir onde aquele caminho iria dar, até que chegou à tubulação de esgoto. Aquele local era repleto de canos velhos - sujos e com pequenos vazamentos -, teias de aranha, o chão estava úmido, e ali corria uma água com fezes, barro e urina, que exalava um cheiro fétido. Ele sentiu-se acuado naquele lugar, simplesmente estar ali lhe repugnava. Como era possível que qualquer tipo de vida se manifestasse ali?

Locomoveu-se um pouco mais, até chegar num local em que o chão não estivesse úmido. Encontrou algo que parecia comida, mas com uma aparência que não era das melhores, algo como restos misturados, porém aquilo tinha um cheiro incrível, que se contrastava ao local e lhe fez salivar. Não conseguiu resistir e abocanhou um pedaço.

Enquanto mastigava aquela comida cheio de satisfação, suspeitou que algo ou alguém lhe vigiava. Mas, antes que pudesse pensar que estava paranoico, alguns Ratos de Esgoto apareceram.

Ao perceber aquelas presenças, ele cessou a mastigação e buscou olhar ao redor sem mexer a cabeça, tentava disfarçar que notara aquela aproximação,

quando ouviu várias vozes ampliarem a tensão que já havia se formado quando ainda fazia silêncio.

- Essa comida tá boa? Onde conseguiu? Perguntaram os Ratos de Esgoto afim de tirarem satisfação.

Alberto estava paralisado, não tinha como correr. Foi pego com a boca na comida. O que responderia para aqueles ratos? Assim, inocentemente disse:

- Tá boa demais! Querem um pouco? Respondeu num tom amigável.

- Não sentiu o cheiro? Esse é o nosso território! Você foi longe demais ratinho branco¹⁰. Vem aqui, come nossa comida e ainda tira onda da nossa cara? Só pode ser maluco. Tu vai morrer!

Mal o som das palavras se desfazia no ar e os ratos partiram para o ataque, formando uma bola, na qual não se sabia identificar quem era quem. No meio do arranca rabo, Alberto não conseguia dar-se conta de tudo que se passava naqueles breves segundos, que mais pareciam uma eternidade. Não havia espaço para pensamentos e muito menos para uma reação racional, muitos estímulos tomavam seu corpo, em tal grau que não conseguiu perceber que em meio aos arranhões, alguns dos ratos tiveram sucesso em cravar as garras, dilacerando sua pele, embora ele apenas conseguisse sentir muito calor onde foi atingido. Então, tentou empurrar os ratos, tanto com as patas dianteiras, quanto com as traseiras, mas em vão, já que lhe acertaram uma mordida, o que o fez guinchar desesperadamente. Assim, num movimento de defender-se acertou uma dentada em algum dos ratos, de tal maneira que sentiu a pressão de seus dentes contra aquela pele e a textura ásperos pelos sujou em sua língua. A enrolação seguiu até que se sentiram molhados e frios, o que fez com que finalmente os Ratos de Esgoto cessassem o ataque para surpresa de Alberto, que sentia um forte cheio de merda no ar, entendendo que tinham caído na fossa. Ele estava ofegante, machucado, assustado, não conseguia entender tamanha violência, pois, mesmo sabendo que ratos são bastante territorialistas, uma coisa é ler a etimologia do animal, outra é enfrenta-lo.

- Caramba! Achei que vocês iam me matar. Disse Alberto em tom de queixa e alívio.

¹⁰ Referência a música "Mais do Mesmo" da banda Legião Urbana.

- Deveríamos, não se entra assim no nosso território e pior, come da nossa comida. O que pensou? Ia entrar aqui, comer e sair por isso? Que tipo de Rato é você?

Ele precisava pensar rápido numa resposta. Não poderia dizer àqueles Ratos de Esgoto que era um humano transformado em rato. Quem acreditaria nisso? Se bem que, assim, a confusão da comida se explicaria. No entanto, não foi o que ele fez.

- Estava numa gaiola lá dentro do laboratório, mas consegui escapar. Então, pensei ter avistado algo, aí encontrei um buraco e tive que ver onde ele iria dar. Esse é o lugar onde vocês vivem?

- Deve ser por isso que não conhece as regras da rua! Esse é nosso canto, mas nossa casa é o mundo. Aqui dormimos, guardamos alguma comida, só que nunca estamos parados, saca?! Temos sempre que ficar espertos, tanto pra conseguir comer, tanto pra não morrer.

- Pode ser, não vão mais me punir por isso né?! O mal-entendido foi resolvido. Mas, queria saber um pouco mais da vida de vocês, já que parecem viver de uma forma tão diferente da minha. Acho que não conseguiria viver aqui.

- Tá tranquilo ratinho, entendemos que não fez por mal, pelo menos aprendeu como as coisas funcionam. Nos últimos tempos tem sido mais complicado de achar comida e precisamos defender nosso ninho.

- Como vocês conseguem comida? Dormem aqui nesse frio? E esse cheiro, como conseguem suportar?

- Nós procuramos nos arredores, tem um caixote próximo daqui que encontramos comida regularmente. Dormimos juntos, isso nos mantém aquecidos. Na real, fazemos quase tudo juntos. Sentimos o cheiro quando saímos e no momento em que voltamos, mas logo a gente acostuma.

- Não é uma questão de escolha ratinho, estamos vivos, temos que arcar com aquilo que está em nossa possibilidade.

- E se lhes dissessem que existe um outro lugar, quentinho, repleto de comidas e nisso se inclui queijos, também tem brinquedos e até uma bebida que te faz delirar?

Os Ratos de Esgoto ficaram maravilhados com aquelas ideias, mas aquilo seria verídico? O que parecia mais convidativo era a parte da comida, sobretudo o queijo, mas também o lugar quentinho, enquanto que os ratos não tinham dimensão do que seria aquela bebida que Alberto dissera.

- Conte-nos mais desse lugar. Disseram os Ratos de Esgoto num tom de interesse.

- É um lugar incrível! Um paraíso para nós, chamam de Parque dos Ratos. Queria poder falar mais sobre lá, porém também nunca cheguei a ir.

- E você sabe como chegar?

- Fica no laboratório, poderíamos ir até lá juntos, não me lembro muito bem onde, mas acredito que sei como chegar, o que vocês acham? Topam?

Os Ratos de Esgoto permaneciam resabiados com Alberto. Será que deveriam acreditar nele? Mas, ficaram seduzidos pela ideia de comida abundante, o queijo e o calor.

Assim, a processo de persuasão perdurou por mais algum tempo, até que alguns dos Ratos de Esgoto toparam verificar se aquele rato branco dizia a verdade. Caso fosse verídico voltariam para avisar o restante da ninhada.

Deste modo, Alberto voltou ao laboratório acompanhado de alguns dos Ratos de Esgoto, até que encontraram. No entanto, havia um problema, como entrariam na gaiola? Eles teriam que pensar um modo de entrar naquele lugar.

Foi aí que os Ratos de Esgoto se organizaram e subiram uns nos outros, juntaram seus corpos e produziram uma espécie de rampa. Alberto deveria ser o primeiro a entrar no Parque, para assegurar a entrada dos demais e assim o fez. Finalmente eles conseguiram! Estavam no Paraíso dos Ratos.

O PARAÍSO DOS RATOS BRANCOS

Ao entrarem no Parque dos Ratos, Alberto e seus comparsas do Esgoto estavam impressionados. Os Ratos Brancos pareciam frenéticos, agitados, andando de um lado para o outro, ora comendo, ora transando, ora se drogando, ora brincando, independente da ordem, algo que tentasse satisfazer, preencher, aquilo que nunca se esgota.

Ali o tempo parecia funcionar de uma forma bem diferente da gaiola de isolamento e do esgoto, a vida tinha outra velocidade. Embora a luz fosse controlada tal como nas gaiolas de isolamento, nesse lugar parecia impossível ficar parado, como se houvesse uma necessidade de ocupar-se a cada instante. Mesmo assim, irrompe-se o desejo dos imigrantes a experimentar aqueles prazeres, estavam atraídos pelos acessos à felicidade.

Sem delongas eles se separaram, hipnotizados pelos objetos de desejo. Naquele momento pouco importava o grupo, era cada um por si na própria satisfação, as atenções haviam sido furtadas. Menos a de Alberto, que parecia pasmo com o que via, ou talvez, apenas estivesse com a atenção demasiadamente ocupada analisando aquilo. Mas, sutilmente começou a sentir-se perdido, o que lhe deixou angustiado. O que ele deveria fazer? Para que lado ir?

Esta ansiedade que sentiu fez com que procurasse algo para comer. Então, dirigiu-se até o local em que estavam guardados os queijos, e começou a comer junto aos outros Ratos Brancos. Ele não sabia identificar que queijo era, mas o sabor trouxe sua atenção para o paladar, era uma combinação do defumado, salgado, concentrando um sabor picante.

Assim que o transe daquele sabor deixava suas papilas gustativas, a atenção de Alberto voltou-se novamente para os outros Ratos Brancos. Mas, enquanto tentava observá-los não se deu por conta de que começava a seguir o percurso que aqueles roedores faziam. De tal modo, que em pouco tempo estava à frente dos bebedouros. Ele não sabia se deveria beber daquela água batizada de novo, porém antes que a dúvida pudesse se instaurar, ouviu por trás de seu corpo alguém que gritou:

- Vai logo, Ô Fedido! Tem mais ratos na fila.

À vista disso, Alberto experimentou novamente as sensações advindas da heroína, contudo ela não durou muito tempo para começar a fazer efeito. E, outra vez, lá estava ele, confortavelmente anestesiado, enquanto que seu cérebro tentava captar todos estímulos de prazer que percorriam seu corpo: “A morfina atinge primeiro a barriga da perna, depois a nuca. Uma onda de relaxamento se alastra; os músculos parecem descolar dos ossos e você tem a sensação de flutuar sem limites, como se boiasse no mar morno.”¹¹

Após um novo despertar, Alberto sentiu-se impulsionado a experimentar os brinquedos do parque. Enquanto, corria pelos tubos, sentia a adrenalina agir sobre seu corpo, que respondia por meio do aumento da força e da frequência nas contrações de seu coração. Consequentemente, percebia o sangue dirigir-se para os músculos de suas patas, o que lhe fazia correr ainda mais veloz.

Essa queima de energia, decorrente da brincadeira, fez com que Alberto ficasse faminto, com o estômago resmungando. Todavia, no tempo em que se dirigia ao comedouro, notou que alguns dos Ratos Brancos estavam lhe observando, situação que perdurou durante todo o tempo de sua alimentação. Durante esses momentos, ele sentia uma tensão se formando, mas não conseguia compreender o que se passava. Foi então que, percebeu que ele e os Ratos de Esgoto estavam sendo impelidos, pelos Ratos Brancos, para um canto da gaiola.

Aqueles roedores brancos, de olhos vermelhos pareciam descontrolados, mostrando seus dentes e os encarando de forma vidrada. Podia se perceber o ódio atravessando o espaço que os separava. Assim, urge um grito da multidão:

- Nossa comida está acabando e a culpa é de vocês. Nunca faltou nada antes. Aí vocês entram aqui, usam nossos recursos e comem nossas comidas, sem falar nesse fedor horrível. Saiam daqui! Seus imundos! Seres inferiores!

Alberto podia sentir na própria pele o quanto aquelas palavras dilaceravam, afetavam os corpos dele e dos Ratos de Esgoto, mesmo que não os atingissem diretamente. E para sua surpresa, ouviu o grito de defesa dos companheiros de esgoto:

- Não queremos seu paraíso! Aqui, acabamos tão aprisionados, quanto nos sentíamos na miséria! Suas coisas nos tornariam também dependentes do

¹¹ (BURROUGHS, W. 2009. P. 15 -16)

consumo! Seus prazeres são ilusórios! Vocês só não os percebem, pois passam todo o tempo entorpecidos por eles, não experimentaram a miséria. Logo, buscam o prazer a qualquer custo, o que também nos parece não ser a resposta.

Aquelas palavras abriram um caniôn entre os dois grupos, no qual a última frase dos Ratos de esgoto ecoava nas orelhas dos Ratos Brancos, que travaram. Eles tinham acusado o golpe. No entanto, enquanto a maioria parecia recuperar-se, ouviu-se ao longe:

- Invejosos! Ladrões! Durante o tempo em que usavam as coisas não havia problemas, não é?! Não conseguiram nos persuadir. Saiam daqui! Não seremos enganados, seus malandros!

Desse modo, Alberto e os Ratos de Esgoto saíram do Parque dos Ratos. Eles finalmente estavam fora daquele lugar, e exaustos por terem vivido e sofrido ali. Nenhuma das garantias de conforto parecia valer a perda da autonomia.

Embora Alberto quisesse falar algo com os Ratos de Esgoto, ouviu uma voz familiar que lhe trouxe de volta de seu delírio.

- Ei! Alberto?! O que houve?

- Não sei muito bem professor, mas cheguei no laboratório e algumas gaiolas dos ratos do isolamento estavam caídas.

- E a dos ratos do grupo controle? Que sujeira é essa?

- Acredito que ratos de esgoto tenham entrado nessa gaiola.

- Que droga! Estragaram todo o experimento. Teremos de recomeçar. Leve os remanescentes para iniciarmos a eutanásia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cartografia existe uma ideia que diz: “Todas entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2014, P. 65). **Nesse sentido, este momento de término do trabalho, esboça o quanto essa frase parece coerente com o processo que o trouxe até aqui. Deste modo, o sentimento é de não o encarar como fim, mas como possibilidade de novas aberturas que estão por vir. Deste modo, ao iniciar esse trabalho com uma proposta de cartografar as relações, as máquinas desejanter e sociais, que compõem essa adição corpo-droga, não poderia se imaginar as saídas que encontraria.**

Assim, para que se produzisse esta pesquisa, foi necessário construir um conhecimento a respeito da história humana acompanhada/agenciada com/pelas drogas, a qual ocorre desde os hominídeos, perpassa as grandes navegações, o processo de proibição, as guerras as drogas, e logo todos os atravessadores que constituem o contexto das mais diversas tensões que permeiam o seu uso (ARAUJO, 2012).

Niel e Da Silveira (2008) ao abordarem a temática de prevenção ao uso de drogas, sobretudo, quanto ao uso indevido, nos alertam sobre dois pontos: a busca por prazeres imediatos (operando conforme a lógica capitalística de consumo) e a intolerância pela frustração. Diante dessas zonas de tensão, algo chamou atenção, que foi como as forças em disputa, acabam por subjetivar os corpos e instituem formas de uso. Isto fez com que se pensasse sobre a importância do uso de drogas para manutenção da sociedade ao longo dos anos, assim como atualmente, sobretudo num contexto marcado pela restrição à vida, na qual podemos salientar: isolamento/individualização, fome e o consumo dos demais processos que capturam a vida.

Sendo assim, o contexto da guerra às drogas parece ser um possível analisador de como o Estado atua por meio da biopolítica¹². Mesmo que essa política pressuponha a vida, é intrigante perceber como tornasse possível que se deixe morrer (FOUCAULT, 2010). E para além de deixar morrer, Mbembe (2018) mostra como o poder passa de uma biopolítica para uma *necropolítica*, na qual

¹² FOUCAULT, M. 2010.

através de guerras, tal como é o exemplo da guerra drogas, exerce o direito de matar.

Assim, gostaria de retomar a perspectiva deleuze-guattariana sobre sujeito residual que nos dá mais pistas de como esse funcionamento forja o que entendemos como sujeito:

A máquina é desejante e o desejo é maquinado. Não é o desejo que está no sujeito, mas a máquina é que está no desejo – e o sujeito residual está do outro lado, ao lado da máquina, sobre todo o contorno, parasita das máquinas, acessório do desejo vertebro-maquinado. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 377.)

Dessa forma, se o que entendemos como sujeito ou “eu” é apenas um resíduo/parasita das máquinas desejantes e do desejo, gostaria de propor que pensássemos sobre que tipos de processos de subjetivação são forjadas nas situações empregadas tanto na biopolítica, quanto na *necropolítica*, sobretudo, a respeito do deixar morrer (drogadição, fome e isolamento – restrição a vida).

Ainda pensando nesses tipos de subjetividades, um conceito traçado por Caparrós (2016) para a fome pode nos ajudar a elaborar o que se passa nesses corpos, mas para isso, também se faz necessário entendermos o que é comer. Logo, para o autor esses conceitos são trabalhados pela seguinte forma: “Comemos sol. Sol, alguns mais do que outros. Comer é insolar-se. Comer – ingerir alimentos – é se alimentar de energia solar”. Enquanto que: “A fome é um processo, uma luta do corpo contra o corpo. Quando uma pessoa não consegue ingerir 2,2 mil calorias por dia, passa fome: mesmo que coma. Um corpo faminto é um corpo que está comendo a si mesmo – e já não encontra muito mais. (CAPARRÓS, 2016, P. 21 - 22).

Esses dois conceitos, tanto comer, quanto fome, nos remete ao que Deleuze e Guattari elaboraram quando falam sobre o corpo drogado e a busca pelo Frio absoluto = 0. Nesta perspectiva, o drogado deseja o grande frio, tal qual é atingido pela droga, internamente, numa busca de intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Nesse sentido, os autores abordam o uso como uma das possibilidades de desorganizar o corpo, afim de experimentar outras possibilidades. Sobretudo, para pensarmos o inconsciente como produção e não como algo interno e pronto. Mas, e quando isso não é possível? O que ocorre quando não se aprende a agir com

prudência¹³? Em que medida não possibilitar a autonomia e o autoconhecimento, por meio de um afastamento, um não-acesso a prudência, conseqüentemente contribui com o funcionamento de deixar morrer?

Bom, uma pista seria pensar num tipo de experimentação que extrapola a vida, os limites do corpo. Assim, na busca de mais potência se perde o limiar da percepção de como sustentar-se para ganhar mais vida, tal como o exemplo dos drogadictos que se perdem nos próprios limites e ao invés de consumirem a droga, acabam por se consumirem. Deleuze e Guattari abordam essa situação:

As desterritorializações permanecem relativas, compensadas pelas reterritorializações as mais abjetas, de modo que o imperceptível e a percepção não param de perseguir-se ou de correr um atrás do outro sem nunca acoplar-se de fato. Em vez de os buracos no mundo permitirem que as próprias linhas do mundo fujam, as linhas de fuga enrolam-se e põem-se a rodopiar em buracos negros, cada drogado em seu buraco, grupo ou indivíduo, como um caramujo. Caindo mais no buraco do que no barato. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, P. 83)

De tal modo, tencionemos sobre o funcionamento desses corpos: o faminto, o drogado, e sobretudo, o abstinente. O poeta nos ajuda com essa provocação: “Já estou cheio de me sentir vazio. Meu corpo é quente e estou sentindo frio”.¹⁴ Ao que parecem, esses sujeitos residuais seriam resíduos do resíduo, frutos/processos de um abandono, descaso e desprezo. E, ao terem suas subjetividades restritas a uma quantidade tão baixa de encontros potentes, aparentam lutar ainda mais, de tal modo que por vezes tornam-se absortos por esses encontros, como reféns, ou dependentes. É neste ponto, que a imagem, o conceito, da fome aparece. Como fora antes citado: “mesmo que coma, passa fome”, ou então, mesmo que viva, carece de vivências, desesperadamente procurando algo para nutrir-se. Desta forma, arrisca-se um pensamento sobre o funcionamento da biopolítica, na produção de sujeitos resíduos por meio do deixar morrer, faz-se possível, pois quase ninguém percebesse resto e tão pouco liga para eles, exceto quando sua sobrevivência depende disto.

Assim, sem a pretensão de um fechamento, tão pouco de indicar um caminho, gostaria de deixar uma provocação, assim como Caparrós faz ao

¹³Característica de quem se comporta de maneira a evitar perigos ou conseqüências ruins, de quem é prudente; precaução. (Dicionário Aurélio)

¹⁴ Referência a música “Baader-Meinhof Blues” da banda Legião Urbana.

perguntar: “De que falamos quando falamos de fome?” (2016, p. 519). Então, de que falamos quando falamos de drogadição?

REFERÊNCIAS

ARAUJO, T. **Almanaque das drogas**. 1ª Ed. São Paulo: Leya, 2012.

BAKUNIN, M. **Deus e o Estado**. 1ª Ed. São Paulo: Hedra, 2014.

BURROUGHS, W. **Junky**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAPARRÓS, M. **A fome**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2016.

CARNEIRO, H. **A Fabricação do Vício**. A construção do vício como doença: O Consumo de drogas e a medicina. Belo Horizonte, 2002. XIII Encontro Regional de História (Anpuh-MG). Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre Psicoativos, 2002.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**, vol. 3. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**, vol. 4. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **O que é filosofia?** 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France**. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HARI, J. **Na Fissura: uma história do fracasso no combate às drogas**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KAFKA, F. **A metamorfose**. 1ª Ed. Barueri: Principis, 2018.

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 3ª Ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NIEL, M; DA SILVEIRA; D. X. **Drogas e Redução de Danos: uma cartilha para profissionais de saúde**. 1ª Ed. São Paulo: Ministério da Saúde, 2008.

ORWELL, G. **A revolução dos bichos: um conto de fadas**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. Sulina, v. 4ª reimpressão, p. 207, 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª Ed. Porto Alegre: 2014.

SOUZA, J. **A Ralé Brasileira: quem é e como vive**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.